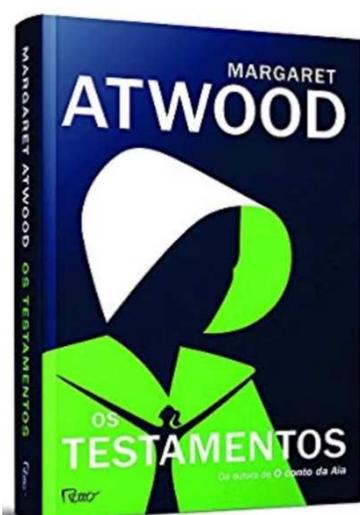


RESENHA:

ATWOOD, Margaret. *Os Testamentos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

## Os destinos do feminino no totalitarismo: relações entre política, sexo e religião

KELLY MOREIRA DE ALBUQUERQUE\*



Talvez não acessemos profundamente a literatura como uma ferramenta potente para a crítica social, mas certamente, achamos que ela é necessária. Pode ser que não identifiquemos nas distopias um retrato fiel de nosso cotidiano, mas talvez tenhamos visto nas mídias constantes relatos de violação a vida humana. É apenas uma questão de tempo e convergirmos todos estes elementos para avaliarmos a importância e ineditismo de *Os Testamentos*, de Margaret Atwood. A obra nos permite refletir sobre os efeitos do poder sobre o feminino, assim como os modos de resistência a ele, a partir da convergência da vida de três mulheres radicalmente diferentes, marcando de modo contundente o contemporâneo e os destinos nada auspiciosos que ele oferta. Talvez, por isso, não fosse

precipitado afirmar que o livro já alcança o estatuto de clássico da literatura porque o assunto que aborda é atual, relevante e necessário ao presente e futuro.

*Os Testamentos* é uma (des)continuidade de *O Conto da Aia*, também de Margaret Atwood. É uma continuidade, na medida em que desvela as estratégias do regime teocrático da República de Gilead para se manter no poder. Contudo, quando articula seu enredo tentando responder a pergunta, que de certo modo já é possível formular em *O Conto da Aia*, sobre a queda de Gilead, é descontínua. O livro apresenta os sinais de deteriorização da estrutura do regime a partir de constantes tentativas de insurgência advindas, o que é curioso, da força motriz do poder, de seu centro. Certamente, a história narra a queda de totalitarismos pela luta externa, de fora, de pessoas que o enfrentam. Entretanto, totalitarismos também podem desmoronar de dentro para fora, quando deixam de cumprir as promessas que o levaram ao poder. Como é possível inferir, Gilead não cumpriu seu mantra: manter a mulher no “escuro”. Em sua perspectiva, as mulheres são flores valiosas que podem facilmente transformarem-se em criaturas perigosas. Portanto, de modo a evitar tal ameaça, toda mulher deveria se casar

cedo, tão logo chegasse à puberdade, antes que o encontro com o amor pudesse acontecer e as virtudes a ela requeridas - obediência, subserviência e docilidade - não fossem alcançadas. Não desconhecendo a probabilidade de uma menina rebelde se tornar uma mulher rebelde, o que é perigoso, pois, enquanto um homem rebelde é um traidor, a mulher rebelde é uma adúltera, crime punido com apedrejamento seguido de enforcamento, toda uma engrenagem de poder disciplinar é logo acionada. Vale destacar: a mulher adúltera é aquela que adultera, modifica, sobretudo o machismo que as petrificam, transformando-as em estátuas vivas. O regime impõe um sistema punitivo que tem por objetivo moldar os corpos, comportamentos, discursos, sentimentos, afetos. Tornando-se mulheres tementes a Deus, elas teriam como projeto de vida resguardar a alma com fervor, pois esta facilmente poderia se perder, “assoando o nariz”, por exemplo, afinal, deve-se aceitar o destino em Deus, para o qual é preciso rogar para lhes guardar.

Ainda sob tal configuração, pode-se articular a função do controle sobre a educação, uma vez que os livros, quando não utilizados como objetos decorativos, tal qual vaso de flores, eram tirados de circulação. Chama imediatamente atenção a existência de fogueiras de livros para deixar uma tabula rasa para a geração moralmente pura que estaria por vir. É impressionante que um hábito medieval esteja na moda, como podemos constatar pelos destinos que autores de proficiência no campo do saber e seus textos têm nas políticas governamentais de ensino em nosso país. Com efeito, a leitura não permite ao homem responder perguntas. Leva-os a construir mais perguntas, a questionar e refletir sobre

si e sobre o mundo, enfim, a cobrir a realidade que o cerca com o véu do ceticismo e da dúvida. Aí mora o perigo manifesto que a busca por solidez dos governos totalitários não deixa de considerar. Eles sabem que toda mudança de estrutura de governo, sobretudo as que se dão com truculência e enfraquecimento das instâncias democráticas, deve ser acompanhada por um movimento que aniquile as possibilidades de insurgência. Ora, a oposição que faz resistência as diferentes formas de fascismo é composta por pessoas instruídas que encontram no ato de ler uma válvula de escape para uma realidade difícil, logo, quem tem conhecimento ou luta por seu acesso a maioria das pessoas deve ser eliminado. Na verdade, é impossível dissociar este aspecto com o fato de, em Gilead, não existir calendário, um sistema de contabilização de dias fundamental para as necessidades civis de uma sociedade. Por meio dele, é possível identificar os diferentes acontecimentos e estabelecer relações de causa e efeito entre eles. E, ainda, permite as pessoas se situarem no tempo de modo ativo, na medida em que podem refletir e localizar concretamente suas ações e, a partir daí, traçar direcionamentos. Parece que tal programa pedagógico – ou seria aparelho ortopédico? – mostra sua convergência em direção a um fim que seria, justamente, apagar a História. É digno de nota que, em Gilead, apenas os “bem nascidos” frequentavam as escolas que tinham por missão transmitir a palavra de Deus. Ora, é impossível desconhecer aí a abundância de problemas morais propriamente ditos e seus efeitos no enlaçamento social.

A leitura nos conduz a aprofundar, do mesmo modo surpreendente o universo da divisão de classes entre as mulheres. Aqui, a distinção entre mulheres

comporta uma desigualdade que designa seu papel no regime, ainda que de um modo geral todas elas se mantenham iguais quanto ao quesito inferioridade. Assim, temos: 1) esposas de membros do alto escalão do exército, cuja alienação é comprada com benesses efêmeras, como a posse de marthas, para fazer o serviço doméstico em suas casas, e aias, destinadas a lhe ofertar filhos caso não conseguissem engravidar; 2) aias: mulheres que foram tiradas a força de suas famílias e se transformaram em propriedade do governo com a função de gerar filhos saudáveis – os que nasciam com problemas anatomofisiológicos eram mortos – para as esposas dos comandantes que não conseguiam engravidar, como forma de se redimir por seus pecados. Elas viviam confinadas na casa dos comandantes e tinham a liberdade para rezar em seu quarto, segundo o ideário do antigo Testamento; 3) marthas: destinadas ao serviço doméstico. Não podiam constituir família; 4) pérolas: missionárias a serviço de Deus por Gilead em outros países. Elas eram postulantes que tinham a função de evangelizar pessoas e trazer para Gilead. Tudo nelas era falso, incluindo o colar de pérolas que as identificava e; 4) tias: executoras do regime, que exercem a autoridade por meio da posse de informações secretas do Estado.

Eis que, para compor tal estrutura social feminina, o sistema precisou agir com rigor e violência. As mulheres foram reduzidas a bichos, enclausuradas em cativeiros com instalações sanitárias precárias, que impossibilitavam a execução de necessidades básicas. A condição humana que as habitava rapidamente foi diluída a um estado animalesco para que elas mesmas se percebessem como subumanas. Os torturadores não desconhecem que

apenas damos valor aos elementos básicos de subsistência quando estes faltam, por isso aplicam um método comum: fazer faltar o mínimo necessário a sobrevivência. Ora, impedidas de autoconservação, as mulheres não tiveram outra opção senão cederem. E não foi por falta de coragem. Talvez tenham sido preparadas gradualmente para tal. Ora, quem duvida que a liberdade e democracia possam ser cerceadas quando já nos fiamos nelas como verdades inabaláveis, quase amuletos mágicos? Pois é, parece que, por elas é preciso lutar continuamente. Não acreditamos que o céu está caindo até que um pedaço dele caia sobre nós mesmos. Contudo, vale lembrar que, mesmo diante condições de vida reduzidas, instabilidade econômica, violência, desemprego, que de imediato causam raiva ou medo, não se pode acreditar em todo tipo de coisas, mesmo que venha de Deus (ou de seu Messias), considerado ópio para a mente inquisitiva. A montagem desta cena é crucial a tomada de poder.

Aliás, é preciso notar que o código moral – fundamentalista e reacionário – que rege todas as ditaduras e autoriza a intolerância e a truculência que lhe são próprias, é um discurso que não afeta seus protagonistas, os ditadores e seu séquito. Quer dizer: quanto mais moralista um governo, mais imoral e amoral são seus governantes. Com efeito, “por baixo de seu verniz de virtude e pureza, Gilead estava podre (...) prestar falso testemunho não era a exceção, era o costume” (ATWOOD, 2019, p. 328). Aias eram forçadas por seus comandantes a ter relações sexuais fora do intuito de procriar e depois a culpa era imposta a elas. O alto escalão do governo era repleto de subornos e favores em troca de hierarquias. Tramas entre esposas eram comuns. Marthas

“vendiam” informações que colhiam ouvindo conversas por trás das portas. Bebês eram trocados. Intoxicações alimentares não aconteciam ao acaso. Enforcamento de esposas por seus maridos por falsa acusação de adultério, pois tais senhores desejavam outra esposa, mais jovem, era comum. Julgamentos públicos que inocentavam traidores incriminavam inocentes. Depoimentos inverossímeis obtidos a base de tortura. Para estes, matar determinadas pessoas é inclusive, virtuoso. Precisamos acentuar que o mesmo homem que grita com euforia “o senhor vai prevalecer” – não esqueçamos que Gilead segue os mandamentos do velho testamento – é o que dispara tiros nas mulheres “desertoras”, exalando um gozo

perverso ao vê seus corpos caídos no chão. Deus é amor? O livro santo diz o que dizem que diz? O livro oferece uma matriz para descortinar as obscuras ligações entre política, sexo e religião presentes no avanço da extrema direita. Obviamente, o amor não é interessante para as ditaduras. O regime faz Eros agonizar, entretanto, o desejo não é obturado completamente. Ele nos faz ver que a saída é pelo coletivo. De fato, sozinhos não somos inteiros, existimos na relação com os outros.

Recebido em 2020-03-06  
Publicado em 2020-03-28



\* **KELLY MOREIRA DE ALBUQUERQUE** é Psicanalista; Doutora em Psicologia; Professora da Unifanor Wyden.